

Cadeiras e camas vazias, fechadas as malas, caladas as bocas, combinamos as partidas, os rumos opostos, os destinos despidos de cargas alheias, sem recomeço, sem tolerar-nos mudados, sem mais nenhuma pergunta a fazer.

Surpreendi-me quando as nuvens me atiraram chuvas caídas do céu como joias. Desfilaram como um presente. Ativas, geraram sons agradáveis, trouxeram a companhia dos ventos, sintetizaram a Natureza

Dos infortúnios e desgraças. Acreditavam-se unidos por um amor profundo. Apesar da forma com que se dava o retorno de constantes conflitos, suportaram-se e acabaram por aceitar que pelo ódio também se uniram complicados até o final da trama.

Nas insônias ressurgem o passado no presente, a ausência dos corpos preenchida por nostálgicas marcas. Abraços imaginários encontram alguém distraído estranhando o descanso.

Uma ou outra vez, ela vem entregar-se mansamente. Vem repousar, satisfazer coisas passadas, carregar saudades, inquietas memórias e restos de tentação. Com ela reaparecem a concórdia e a discórdia, que é quando ela se propõe guardiã plena dos atrativos irresistíveis.

Tentado a salvar-me da rotina, escolto à porta de saída os convites à repetida mediocridade que me tenta domesticar.

A quem não tem mais nada a perder, estão permitidas adulações, honestidades descuidadas, ironias livres, intenções canalhas, provocações pejorativas, prestígios adulterados, corpos usados, histórias maltrapilhas, sangrentas segregações, penas eternas, feridas mortais.

Consolação, consolo, decisão taxativa, decisiva: ante o espelho, cegar a tentação de passar por estúpido, evitar o desafio que promove fracassos e alterações nos rumos, espelhar-se na insensatez presença degenerada e constante.

A desnudez aproveita os cadeados desarmados para umedecer os corpos secos, salva e atua nos corpos onde o descarte predomina. Suave oferece nova variedade de estímulos que alcançam até as raízes, nelas se refugiam carregando novas magias, imposturas e mistérios.

Carrego brindes doados nas entrelinhas dos teus maus humores, penas penduradas como restos de alimentos. Carrego espaços desocupados, tempos demorados, teus olhos tristes.

Como havia prometido, não contei todos os segredos, guardei alguns para meus próximos sonhos, como argumento para as próximas investidas. Como pretexto do próximo adeus, me bastará como lençol da cama vazia.

Quem haverá de dizer que o nosso amor um dia perderia a eficácia? Somente aqueles que acreditam na evolução previsível, que o acaso desobediente não haverá de surgir impondo uma desordem por causas naturais.

Novos alentos conferem aos mais necessitados uma sobrevida nos momentos delicados onde contínuas perdas os atingem. Ocupados em recuperações diárias, eles quase não têm tempo para chorar. Mesmo sem saber se e como haverá o amanhã, eles trazem uma reação enraizada na própria história, da qual faz parte uma incansável busca por uma saída de emergência.

Com o passar do tempo, entendi que aquele fogão a lenha vivia mais de cheiros e aparências do que qualquer outra coisa. Parecia ora um altar, ora um monumento. Ali, o encontro diário se motivava para encontrar pessoas e junto a elas juntarem-se histórias e receitas algumas de culinária, outras de sobrevivência.

Meus juramentos, aquelas adorações, inesquecível a ilusão sem cara nem corpo, o tempo, todo o tempo adiante, toda noite serenata, tanto querer difuso, tanto querer confuso. A imaginação transportando sem sair do mesmo lugar, encantando-me como se eu fosse toda vez um descobridor.

Queria ser o teu destino, a tua perdição e o teu caminho. Se me perguntares a quantas ando sentindo-te tão ausente, não te mostro meu coração sozinho.

Fazes-me dano, sequestraste a meta e a certeza, resolveste a questão do enamoramento com um encerro. Finalmente, satisfeita, conciliada com teus espelhos, desapiedada de mim, que vivo esperando trocas intensas.

A perda total não tem franquia, não deixa vestígios, nega a originalidade, oscila entre o pouco e o nada, esvazia, desmemoria, emite silêncios. A perda total se apropria, instala o imediato, antecipa o transitório que distância.

Imerso entre o lápis e a realidade virtual, entre o conhecimento do livro e a infernal maquininha, bebedouro de informações, travo uma luta com tensa concorrência pela apropriação da imaginação alheia.

Volta e meia, para meu alívio, encontro um interlocutor que escuta as minhas previsões. Tento eternizar e fundir o passado e o presente para melhor visualizar as jornadas. Interajo para realizar o que poderá ser construído para sustentar o futuro.

Aquela foto que acolhia olhos saudosos agora acumula pó.

Tento eliminar as manias, os constrangimentos, os maus momentos, o medo da madrugada, a volta à escola, o dever de casa, a humilhação da avaliação que me confirma ser o pior aluno. Tento eliminar o abuso de poder dos adultos, os castigos, a virulência das críticas infundadas, os bons exemplos, as ajudas não solicitadas, o mau humor, a falta de opção e o prometido fogo dos infernos.

Desminto em tempo integral que a esperança tenha sido liquidada, embora às vezes tenha sido negociada, convertida em moeda, reduzida a “coisa”, denunciada como vazio sonho, herdeira da irrealidade, fundadora do engodo, demitida sob suspeita de farsa. Resisto em vê-la como adjuvante do capital que pouco me importa.

Para mim, o incontável tempo demarca um território de ninguém, povoado de nada. Atormentado pelas alegrias e satisfeito com as perdas, caminho na contramão do razoável, acostumado à incoerência das previsões. A salvo habito este mundo de muitas certezas que não se cumprem.

Crescem as bobagens enquanto arrasto um ar formal; vislumbro um peito atrás do decote. Acasalado com o que me atrai, escondo um entusiasmo imaginando acesso.

Depois que aceitar a perda do viço, acatar a decisão evolutiva, depois de cansar de ter dúvidas, de perder a paciência, alimento o costume de não desistir.

Atrelo minhas atitudes inconvenientes à falta do que fazer. Sustento nos adiamentos o alimento das vontades; na incerteza da realização apoio a nova meta, reponho as velhas atrações.

Entre o esquecimento e a desimportância da omissão, inadvertida e desperdiçada, os mesmos personagens carecem de quem os revista com a sua amorosa lembrança.

Não quero que os livros, as discórdias, os horários e os gestos nos separem. Não quero sofrer déficits que dominem a coragem e a covardia, a fome e o apetite, a causa e o defeito.

O que o solo pede é fertilidade, o que expressa é sede de proliferação no seu destino de acolher a vida encharcada em condições de terminar proliferando.

Os corpos úmidos no ritmo das florações favorecem austeridade aos desejos, põem uma nota de urgente e selvagem beleza.

As lembranças são menos perigosas que as realidades, pois emergem mais ao alcance, despertam e adormecem convertidas em cantos e poesias.

Com pouco solo para cultivar, arranho o cimento buscando fertilidades escondidas. É razoável pensar que ali viveram ramos, raízes, folhas, cemitério de extintas espécies esculpindo areias, acumulando passados.

Minhas partes essenciais recitam poesias domesticadas, separadas do tecido ósseo. Especializadas em autenticidades exiladas, pretendem ser mais apropriadas que os acúmulos, creem valer mais, portadoras de intimidades guardadas.

Em anexo aviso que não me sinto parte deste mundo que está aí. Passo a limpo o olhar que me ensina a negar as dores do mundo. Reorganizo os espantos; a frequência dos danos abala a leitura da realidade. Sigo na busca dos cuidados perdidos.

Se se descobrem restos de penas, lágrimas abandonadas, boa razão há para crer que são sobras de um amor acabado, onde os sobreviventes guardam lembranças aderidas aos ossos.

Bênçãos nocivas produzem segredos e máscaras. Evocam iniciações fantásticas e atemorizantes, cronificadas na fonte e na execução.

Andando nos vazios que revelam antigas diagonais, condensando várias solidões, carrego silêncios até as gengivas, violentando o palato, a língua e todos os sons, até o labial, exílio sílabas e consoantes.

Um sentido de exclusividade se apodera da minha euforia. Fico com o espanto do recém-iniciado que acredita haver renovado a invenção do amor.

Suprimidas as vantagens indevidas das abreviaturas. Opto pela escrita distendida das palavras em oposição às indevidas vantagens das abreviações, que exigem tolerância para o entendimento dos conteúdos.

Em suas mãos permanece humilde e utilitária ternura. Vinculares, elas constroem exemplos, memórias. Essas mãos, fundam relações, assentam preferências.

Por tua causa me desfiz da esperança, da meta, da perseverança, da alegria, da vontade de ser feliz. Desfiz-me das ideias generosas, dos atos espontâneos, de acreditar que uma carícia desnorteia e que todos os abandonos serão avisados.

Deparei-me com um grupo de anjos que retornavam à casa. Cansados de vagar, limaram o osso, estiraram os músculos, perderam a santidade; retornam menos guerreiros, defensivos. Confessam a necessidade de revisar metas mais ao alcance de suas possibilidades.

Seria preciso colocar a postos os cães-de-guarda para debandar os costumeiros farsantes, devolver à indiferença os auxiliares das agonias, calar os promotores dos medos, aturdir os aceleradores da desgraça alheia, os difamadores que desde a escuridão da existência carregam o mal como uma virtude.

Distraído, pouso meu futuro num canto escuro onde espero não tenha de me ocupar dele. De que me serviria ocupar-me dele se ele foge aos meus acessos de antecipação.

Estendo um sorriso em direção aos seus olhos, pouso meu destino na sua acolhida, cedo minhas mãos revestidas de afagos. Preparo um ramo de manifestações irrecusáveis até alcançar tua boa disposição em permitir que eu acesse as suas entranhas.

Declaro haver fingido certas dores, declaro ter forjado certas penas. Destinado a aumentar as credulidades, disseminei falsas ilusões para atrair os incautos e os puros. Cometi ofensas oferecidas como vantagens. Fui de cera.

Inventar planos plenos, rasgar o véu do espaço, combater a pressa, derreter a calmaria, distribuir gentil olhar catando cada lugar onde tua pele eriçada me manda um aviso de acolhida.

A promessa de devolver parte dos anos roubados na minha companhia ficava como uma presença para o vazio deixado. Alimentador de ilusões, sofri por ela uma dor que ainda duvido ser dela.

Um remorso solene entra como um intruso, acabando com a delicada paz mal equilibrada. Assumo o direito de tornar intolerável o recolhimento da solidão passada na tristeza.

Obediente a proceder a prejuízos, tive coragem de esconder-me num resto de natureza preservada em mim. Inventei novas rimas, disfarçando respeitar tudo aquilo que me acontecia. Morrer não seria um bom motivo para deixar esta vida que se oferece com encantos para ser vivida.

Festejo o singular. Habito o meu corpo. Me adequo a ele e às idades, referências e vulnerabilidades. Não quero ser quem não posso ser.

Os atos conduzidos pela gentileza não se perdem pelo caminho nem se perpetuam sem uma colaboração ativa, convicta e sincera daqueles que os recebem.

Ao dispensar-se a opção ao direito individual, fragiliza-se a proteção, permitindo a invasão alheia nociva, que visa a ofensa e o dano, facilitando a crueldade de condutas, hábitos, vícios.

Separo a maldade intencional, deixo o meu dia livre de sua má influência: cilada vazia.